

Santíssima Trindade A

O Senhor é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para Se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade. (Ex 34,6)



Leitura I

Êxodo 34,4b-6.8-9

Naqueles dias, Moisés levantou-se muito cedo e subiu ao monte Sinai, como o Senhor lhe ordenara, levando nas mãos as tábuas de pedra. O Senhor desceu na nuvem, ficou junto de Moisés, que invocou o nome do Senhor. O Senhor passou diante de Moisés e proclamou: "O Senhor, o Senhor é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para Se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade". Moisés caiu de joelhos e prostrou-se em adoração. Depois disse: "Se encontrei, Senhor, aceitação a vossos olhos, digne-Se o Senhor caminhar no meio de nós. É certo que se trata de um povo de dura cerviz, mas Vós perdoareis os nossos pecados e iniquidades e fareis de nós a vossa herança".

Leitura II

2 Coríntios 13,11-13

Irmãos e irmãs: Sede alegres, trabalhai pela vossa perfeição, animai-vos uns aos outros, tende os mesmos sentimentos, vivei em paz. E o Deus do amor e da paz estará convosco. Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo. Todos os santos vos saúdam. A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Evangelho

João 3,16-18

Naquele tempo, disse Jesus a Nicodemos: "Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o seu Filho ao

mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem acredita n'Ele não é condenado, mas quem não acredita n'Ele já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho Unigénito de Deus".

Reflexão

No domingo posterior a Pentecostes, a Igreja celebra a solenidade da Santíssima Trindade. Para muitas pessoas uma celebração incompreensível, para alguns uma especulação teológica, para outros chega até a ser uma ofensa ao intelecto humano. Como pode ser $1 = 3$ ou $3 = 1$?

$1 = 3$ ou $3 = 1$ – esta concepção parece nos indicar que nesta celebração se comemora, de certa maneira, a comunhão – a comunhão com Deus mas, em primeiro lugar, a comunhão no próprio Deus. Nós, cristãos e cristãs cremos num Deus que em si já é comunhão, relacionamento, comunicação, amor. Um Deus que em si mesmo é um ser em constante troca, dinamicidade e movimento. Este Deus da Santíssima Trindade é um Deus de emoção interior que vai em contra a toda rigidez, estagnação e obstinação do nosso pensamento humano e dos nossos dogmas. E todos nós, homens e mulheres, somos envolvidos nesta relação de comunhão e de amor mútuo que é o próprio Deus. Nós podemos entender esta proposta de relacionamento como uma dádiva de Deus a fim de que permaneçamos interiormente flexíveis, para nos conscientizar das nossas contradições e da nossa potencialidade de transformação, para sentir e aceitar a pluralidade existente em cada um/a de nós.

Explicações válidas, mas mesmo assim, fragmentadas. Talvez é melhor assim: que a Festa da Santíssima Trindade faça alusão à questão da natureza de Deus, mas não a explique completamente para salvaguardar a incompreensibilidade de Deus. Talvez o sentido de tais mistérios da fé que extrapolam a razão humana é para manter o nosso ser aberto para que Deus não seja apreendido, categorizado e definido (reduzido) somente com as nossas limitadas possibilidades de compreensão. Será que neste dia não estaríamos sendo convidados a aguçar mais a nossa razão para entendermos que Deus é tão extraordinário que jamais poderemos apreendê-lo e explicá-lo totalmente. Será que não deveríamos silenciar um pouco a nossa racionalidade, tão apreciada pelo mundo ocidental, no que se trata de realidades que extrapolam a nossa limitada percepção humana, já que o nosso pensamento pode ser tendencioso e correr o perigo de querer se submeter a Deus?

No passado, muitas pessoas da Igreja também achavam que era melhor silenciar o que não se conseguia explicar e aconselhavam a não se falar de Deus, mas calar sobre Ele e silenciar-se diante Dele.

Não é por acaso que o Domingo da Santíssima Trindade ocorre após as três celebrações mais importantes do ano litúrgico – Natal, Páscoa e Pentecostes. Cada uma destas festas contém um dos teores de cada dimensão trinitária:

No Natal louvamos a Deus que, como um pai e uma mãe, cuida da nossa salvação. Na Páscoa louvamos a Deus que ressuscita no Seu Filho e vence de uma vez por todas a transitoriedade e a morte. Em Pentecostes, louvamos a Deus que como Espírito Santo está presente em todos os lugares do mundo.

No Domingo da Santíssima Trindade somos convidados – para a nossa salvação – a permanecer no temor a este Deus que faz parte do nosso mundo de uma maneira tão maravilhosa e diferente.